

# A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ACTORIAIS NOS DISCURSOS: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

## THE CONSTRUCTION OF ACTORIAL IDENTITIES IN DISCOURSES: A SEMIOTIC APPROACH

Raíssa Medici de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo conduzir uma breve reflexão em torno do processo de construção das identidades actoriais nos discursos. Ancorada na Semiótica do Discurso, a reflexão focaliza, dentre outros, os conceitos de “ator” e “forma de vida”, destacando como os avanços teórico-metodológicos da disciplina permitem problematizar questões pertinentes à contemporaneidade, tais como, as transformações socioculturais em curso (e por vir). Visando operacionalizar a discussão, o artigo traz alguns resultados de uma pesquisa de doutorado que objetivou explorar a figura actorial homem “do lar” em textos da cultura de massa brasileira. A análise conduzida destaca a repetição de um lugar-comum, uma vez que, na constituição do homem “do lar”, sobressai o papel temático “pai”, a forma de vida doméstica assumida sendo o resultado da exacerbação desse papel. O artigo reforça, desse modo, a necessidade de se problematizar as enunciações midiáticas dirigidas às massas, visto que, segundo se evidenciou, elas muito pouco contribuem para a desnaturalização de práticas e papéis de gênero e para a reformulação das formas de vida, que ainda permanecem atreladas aos atores que as assumem na duração temporal.

**Palavras-chave:** Identidade. Ator. Forma de vida. Homem “do lar”. Cultura brasileira.

**Abstract:** The present article aims to conduct a brief reflection on the process of construction of actorial identities in discourses. Anchored in the Semiotics of Discourse, the reflection focuses, among others, on the concepts of “actor” and “form of life”. The reflection highlights how the theoretical and methodological advances of the discipline allow problematizing relevant contemporary issues, such as sociocultural

---

<sup>1</sup> Professora convocada junto ao Departamento de Letras, Universidade do Estado de Minas Gerais, Divinópolis/MG. E-mail: raissamedici@yahoo.com.br

transformations in progress (and to come). Aiming to operationalize the discussion, the article brings some results of a doctoral research that aimed to explore the actorial figure "househusband" in Brazilian mass culture texts. The analysis highlights the repetition of a commonplace, since, in the constitution of the "househusband", the thematic role of "father" stands out, the domestic form of life assumed being the result of the exacerbation of this role. The article thus reinforces the need to problematize the media enunciation directed at the masses, since, as evidenced, they do little to the denaturalization of gender practices and roles and to the reformulation of forms of life, which remain tied to the actors who assume them in temporal duration.

**Keywords:** Identity. Actor. Form of life. Househusband. Brazilian culture.

## | Introdução

A semiótica discursiva é, desde o princípio, uma teoria voltada ao estudo da vida social. Muito embora termos como social/sociedade e cultura tenham sido aparentemente pouco empregados nas primeiras e certas décadas de desenvolvimento da teoria, hoje é possível afirmar que essas questões relativas ao universo sociocultural sempre estiveram presentes como pré-ocupações no espírito e na pena de Algirdas Julien Greimas.

Isso foi por nós constatado, na prática, ao longo do desenvolvimento de duas importantes pesquisas, uma de mestrado, outra de doutorado, voltadas, respectivamente, à análise e compreensão de construções discursivas relativas às figuras actoriais mulher "executiva" e homem "do lar", pinçadas do universo midiático brasileiro. Dentre as observações feitas no processo de (re)descoberta de conceitos clássicos fundamentais para o desenvolvimento das análises, como o de "ator", bem como de conceitos mais recentes e "inovadores", como os de "práxis enunciativa", "belo gesto" e "forma de vida", merece aqui destaque o conceito de "identidade", foco da presente discussão.

Desse modo, tomamos uma das acepções dadas no *Dicionário de Semiótica*: "identidade" recobre um "princípio de permanência" que permite ao sujeito (actante/ator) continuar o "mesmo", "persistir no seu ser", apesar de todas as transformações por que passa (provoca e/ou sofre) ao longo de sua existência narrativa (GREIMAS; COURTÉS, 2013.) Partindo dessa acepção, exploramos reflexões feitas por autores como Floch (2010) e constatamos a existência de identidades sociais ou coletivas, estabelecidas por um processo de identificação do sujeito com o grupo, com o código social e com as regras morais definidas a partir desse código (moral social) e, paralelamente, embora de maneira mais localizada e, ousamos dizer, marginalizada, identidades pessoais ou individuais, concebidas a partir da (re)invenção dos modos tradicionais de se viver a vida.

Sendo assim, exploramos a construção das identidades actoriais nos discursos, revisando, para tanto, conceitos fundamentais como os de "ator" e "forma de vida", e

constatamos, assim, como os avanços teórico-metodológicos da disciplina permitem problematizar questões pertinentes à contemporaneidade, como as transformações socioculturais em curso (e por vir). Visando operacionalizar a discussão, apresentamos alguns resultados da nossa pesquisa de doutorado (OLIVEIRA, 2018), a qual teve por objetivo principal explorar a figura actorial homem “do lar” em textos/discursos da cultura de massa brasileira, bem como a(s) forma(s) de vida por ele assumida(s).

No que diz respeito às formas de vida, essas macroconfigurações que orientam a construção dos percursos e dos efeitos de sentido identitários nos discursos, destacamos a concepção de Fontanille (2015a, 2015b), segundo quem, as formas de vida devem, por princípio, permanecer disponíveis para todas as ancoragens eventuais, visto que não pertencem a ninguém em particular e são, ademais, vistas como “linguagens” que todos os membros de uma sociedade podem utilizar. No que diz respeito à análise conduzida, destacamos, na constituição do ator em questão, a sobressalência do papel temático “pai”, a forma de vida doméstica assumida e/ou atribuída ao ator sendo resultado da exacerbação desse papel temático. Essa constatação muito contribui, a nosso ver, para a ampliação da discussão em torno dos estereótipos e desigualdades de gênero, reforçando, ainda, a necessidade de se problematizar as enunciações midiáticas dirigidas às massas.

## 1 A construção das identidades nos discursos

Para abordar a problemática da construção das identidades nos discursos, é imprescindível revisitar a teoria semiótica e investigar o que se concebe por “identidade”, noção que, conforme identificamos em pesquisa anterior (OLIVEIRA, 2018), está particularmente ligada a conceitos fundadores, como o de “ator”, mas também a conceitos operacionalizados mais recentemente, como o de “forma de vida”.

No verbete “identidade” do *Dicionário de Semiótica*, Greimas e Courtés (2013) apresentam três proposições para a noção. Para a presente reflexão, interessa-nos a noção de identidade como “princípio de permanência” que permite ao sujeito (actante/ator) continuar o “mesmo”, “persistir no seu ser”, apesar de todas as transformações por que passa (provoca e/ou sofre) ao longo de sua existência narrativa.

Retomando essa concepção, Fontanille atrela a noção de identidade à isotopia. Segundo o autor, é ela, a isotopia, que garante a produção das identidades nos discursos. Basta imaginar “um romance em que cada personagem seria, a cada aparição, designada por um nome diferente e descrita com novos traços” para entender em que medida “**a identidade depende da isotopia**: ela torna possível uma leitura coerente do percurso da personagem” (FONTANILLE, 2007, p. 150, grifo nosso).

Floch (2010, p. 36, tradução nossa<sup>2</sup>) observa que a identidade está ligada à ideia de percurso e “resulta de uma conexão progressiva de unidades ou ‘grandezas’ inicialmente desconectadas”. Em outros termos, a identidade está ligada à ideia de “não descontinuidade” e fornece os requisitos necessários à identificação. Ela é, segundo o autor, aquilo com que o sujeito se identifica, aquilo em que ele se reconhece, ou seja, uma identidade “social”, “coletiva”.

Entretanto, outra concepção de identidade é também reconhecida pelo autor: uma identidade definida por aquilo pelo qual/para o qual o sujeito marcha/avança, ou seja, uma identidade “pessoal”, que se manifesta por uma “deformação coerente”, por um “estilo” e pela “afirmação de uma ética”. Nessa segunda perspectiva, a problemática da identidade seria concebida

[...] como uma dialética entre, de um lado, a inércia das heranças, a força dos hábitos e a eficácia das posturas nas quais o sujeito se reconhece e por meio das quais ele se faz reconhecer, e, do outro, a tensão de um projeto de vida, a plena realização de si e a escolha assumida de certos valores – escolha que pode levar até mesmo a alterar sua existência [...] (FLOCH, 2010, p. 38, tradução nossa<sup>3</sup>).

Partindo dessa problematização, investigaremos, na sequência, questões relativas à construção das identidades actoriais nos discursos, explorando, para tanto, um percurso que vai do ator às formas de vida, entendidas como macroconfigurações que orientam a construção dos percursos e dos efeitos de sentido identitários nos discursos.

## 2 A propósito do ator

Antes de explorarmos o conceito de ator, é necessário resgatarmos o conceito de actante, visto que ambos se inter-relacionam na semiótica discursiva. Segundo Greimas e Courtés (2013), o “actante” é aquele que participa da narrativa, seja esse participante uma pessoa, um animal, um objeto, um conceito. O actante pertence à sintaxe narrativa e converte-se em ator ao receber investimento semântico, temático e/ou figurativo. O ator é, desse modo, uma unidade lexical, de tipo nominal, que resulta da combinação de papéis da sintaxe narrativa com um recheio temático e/ou figurativo da semântica discursiva. Conforme define Fiorin (2008, p. 139, 153), o ator é uma “singularização [...]”, “uma concretização temático-figurativa do actante”.

---

2 No original: “L’identité ainsi abordée résulte d’une connexion progressive d’unités ou “grandeurs” déconnectées au départ”.

3 No original: “[...] comme une dialectique entre, d’une part, l’inertie des acquis, la force des habitudes et l’efficace des postures dans lesquelles on se reconnaît et par lesquelles on se fait reconnaître et, d’autre part, la tension d’un projet de vie, la pleine réalisation de soi et le choix assumé de certaines valeurs – choix qui peut aller jusqu’à faire basculer votre existence [...]”.

Dois princípios se inter-relacionam na concepção do ator, segundo Greimas e Courtés (2013). O primeiro é o da “individuação”, que alude à reunião de propriedades estruturais de ordem sintática e semântica, constituindo o ator como “indivíduo”. O outro é o da “identidade”, que assegura a permanência e o reconhecimento do ator no decorrer do discurso (graças aos procedimentos de anaforização, nome próprio, dentre outros), apesar de todas as transformações que o afetam.

Para ser chamado de ator, um lexema deve ser portador de pelo menos um papel actancial e um papel temático, os quais determinam a competência e os limites do fazer e ser do sujeito. Quanto a esses papéis, observa-se que o papel actancial se organiza em função da posição do actante no percurso narrativo e, ao mesmo tempo, do investimento modal particular que assume (o actante-sujeito, por exemplo, poderá ser modalizado pelo querer-fazer, pelo saber-fazer e/ou pelo poder-fazer e assumirá, assim, os papéis actanciais de sujeito do querer, sujeito do saber e/ou sujeito do poder-fazer). Já o papel temático se define como “a representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático (o percurso ‘pescar’, por exemplo, pode ser condensado ou resumido pelo papel ‘pescador’)” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 496).

Greimas e Fontanille (1993) destacam outro ponto importante na configuração do ator: a função moralizante, que, segundo eles, atua na constituição dos papéis temáticos. Segundo os autores, “a repetição de um mesmo fazer instala no ser do sujeito uma competência fixa, um saber-fazer que a moralização reconhece como estereótipo social” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 112). Essa função moralizante também está implícita na descrição feita por Greimas (2014, p. 77, grifo do autor) a respeito do papel temático “pescador”: “O pescador carrega em si, evidentemente, todas as possibilidades de seu fazer, tudo o que se pode esperar dele em razão de seu comportamento, pois sua colocação em isotopia discursiva faz dele um papel temático utilizável pela narrativa”.

É ainda interessante destacar, com base em Greimas (2014), que o ator é lugar de investimento dos papéis, mas não só: ele é também lugar de suas transformações, uma vez que o discurso é, essencialmente, um jogo de aquisições e de perdas, de substituições e de trocas de valores modais ou ideológicos. Nesse viés, um ator pode ser individual (Pedro) ou coletivo (o povo), figurativo (o carro) ou não figurativo (o destino), sua individuação sendo marcada frequentemente pela atribuição de um nome próprio ou mesmo pelo papel temático, embora não somente por eles.

O verbete “actorialização” do *Dictionnaire II* (1986) complementa as definições, destacando os procedimentos de aspectualização. A aspectualização do ator mostra a “qualidade” da performance: dois atores, apesar de dotados do mesmo papel actancial e do mesmo papel temático, podem realizar a mesma *performance* de maneiras distintas; e o mesmo ator pode ser figurativizado de modo diferente em dois momentos distintos da vida. A comparação entre as *performances* pode, ainda, permanecer implícita e o ator pode ser qualificado na sua maneira de fazer ou de ser em referência a um simulacro, que comporta uma qualificação média proveniente da competência do observador. Fiorin

(1989, p. 350) lembra, a esse respeito, que o observador “não expede um julgamento individual, pois, embora seu ponto de vista diga respeito a uma ação particular de um ator particular, os pontos de vista sobre cada ação são sociais”.

Para ampliar a discussão, recorreremos à distinção que Fontanille (2007) faz entre papéis e atitudes, duas formas de identidades que compõem o percurso de um actante ou de um ator. Segundo o autor, o papel só pode ser reconhecido se for suficientemente estereotipado em uma dada cultura, a ponto de ser imediatamente identificado; ou se for suficientemente reiterado no discurso, a ponto de ser estabilizado e reconhecido. Nos dois casos, “o reconhecimento do papel faz-se *a posteriori*, depois do uso que o cristalizou, depois da repetição que o estabilizou” (FONTANILLE, 2007, p. 152). Dizendo de outro modo, “o papel é uma identidade acabada, apreendida ao fim de um percurso, e que pressupõe sempre uma práxis enunciativa graças à qual ele se estabilizou e objetivou” (FONTANILLE, 2007, p. 152).

Enquanto o papel é uma identidade estereotipada, programada sob a forma de um percurso figurativo fechado, no qual cada etapa pode ser prevista antecipadamente, a atitude é uma identidade em devir sob a forma de um percurso figurativo aberto, no qual actantes e atores dispõem de liberdade de ação suficiente para inventar e/ou construir a própria identidade. Conforme registra Fontanille (2007, p. 153), “ela [atitude] abre novas possibilidades de identidade, coloca o actante em devir: pela graça de um gesto inesperado, de uma ousadia no comportamento ou de uma propriedade revelada e não previsível, novas bifurcações vêm à tona”.

Com base nessas reflexões, muitas atualizações têm sido conduzidas em torno do conceito de ator. É interessante observar, nesse sentido, como esse conceito tem sido abordado no entrecruzamento com outras noções, como a de forma de vida. Essa “atualização” é amplamente destacada no excerto abaixo:

A noção de forma de vida é bem-vinda e salutar na tradição semiótica porque ela parece repercutir um certo número de conceitos clássicos, promovendo um avanço teórico homogêneo e sistemático. Por exemplo, ela parece motivar a redefinição da noção de *ator*, instância semiótica à qual se atribui uma forma de vida; o ator seria então uma *constelação temática* de traços figurativos que tornam compatíveis papéis actanciais diversos e que constituem, ao mesmo tempo, uma reserva de possibilidades identitárias ainda não atualizadas pela trajetória existencial em curso (a *forma de vida como potencial narrativo* salvaguarda o ator das frustrações e lhe atribui um reservatório de chances existenciais inexprimidas). (BASSO-FOSSALI, 2012, p. 1, grifo do autor, tradução nossa<sup>4</sup>).

---

4 No original: “La notion de forme de vie est bienvenue et salutare dans la tradition sémiotique parce qu’elle semble garantir des répercussions dans un certain nombre de concepts classiques, en promouvant un avancement théorique homogène et systématique. Par exemple, elle semble

Foi com base na perspectiva de ampliação das possibilidades de apreensão do ator mediante a investigação da(s) sua(s) forma(s) de vida que conduzimos nossa pesquisa, centrada no estudo da construção do ator homem “do lar” e da(s) forma(s) de vida por ele assumida(s) e/ou a ele atribuída(s) em diferentes textos da cultura de massa brasileira. Antes de passarmos ao recorte proposto para este artigo, todavia, exploraremos um pouco mais a noção de forma de vida, focalizando questões referentes à moralidade (individual e coletiva).

### 3 A propósito das formas de vida

Greimas e Fontanille (2014) recordam que a moral sempre esteve ligada a um destinador transcendente, fonte da dicotomia entre o bem e o mal e responsável pelo julgamento ético do percurso do sujeito. Nesse contexto, cabia ao sujeito apenas fazer coincidir seu percurso narrativo com o da “moralidade social”. Problematicando a questão, todavia, admite-se que essa moralidade não se origina obrigatoriamente em um destinador transcendente, podendo ser também “inventada” pelo sujeito. A moral social que identifica o sujeito com o grupo por meio do saber-fazer é então substituída pela moral pessoal que modaliza o sujeito sob a forma de um saber-ser.

Recordemos que a moral social é de natureza “transitiva”, isto é, cambista, fundada sobre a estrutura da troca. Nessa estrutura, é a manutenção e o reforço do laço social que estão em jogo, como destaca Fontanille (2015a). Tomando como exemplo as figuras do econômico e do generoso, de um lado, e as figuras do avaro e do dissipador, do outro, o autor observa que é em nome de uma troca otimizada que os primeiros são positivamente moralizados; inversamente, é porque levam a uma interrupção ou a um afrouxamento da estrutura da troca que os segundos são condenados. Para permanecer em sociedade, portanto, é imprescindível perseverar na troca.

No entanto, romper o laço social, isto é, interromper a troca é também uma opção (de vida) possível. Entramos, assim, no âmbito da moral “intransitiva” e pessoal do “belo gesto”, que aparece como ruptura, abstenção da troca. Os exemplos dados por Greimas e Fontanille (2014) ajudam a compreender esse acontecimento semiótico que é o belo gesto. O primeiro deles narra a história de um cavaleiro que desce à fossa dos leões para buscar a luva que a dama em cena lá deixara propositalmente cair como parte de uma encenação para medir “o preço” de seu amor. Como forma de recusa às tentativas de aproximação que a dama lhe faz à guisa de agradecimento, isto é, como forma de recusa do jogo amoroso por ela proposto (e referendado pela Corte), o cavaleiro joga-lhe a luva na face. O gesto do cavaleiro resulta, assim, da negação: ele é, pelo menos, uma moral

---

motiver une redéfinition de la notion d'acteur, instance sémiotique à laquelle on attribue une forme de vie; l'**acteur** serait alors une **constellation thématique** des traits figuratifs qui rendent compatibles des rôles actantiels divers et qui constituent dans le même temps une réserve de possibilités pas encore actualisées par la trajectoire existentielle en acte (la **forme de vie comme potentiel narratif** sauvegarde l'acteur des frustrations et lui attribue un réservoir de chances existentielles inexprimées)”.

“contra”, a qual permite ao cavaleiro “(d)enunciar a moral comercial e social subjacente à encenação proposta pela dama, e também dela sair, afirmando a possibilidade de uma outra moral, de tipo pessoal, que repousa sobre outras valências e, em particular, sobre valências não trocáveis” (GREIMAS; FONTANILLE, 2014, p. 24).

Esses e os demais exemplos dados no texto traduzem o acontecimento semiótico que é o belo gesto: “negação de uma moral social fundada sobre a troca, negação de um sistema de valores cuja valência é função dos desejos da coletividade, negação de programas narrativos cujo desenvolvimento em processo é dessemantizado e dessensibilizado” (GREIMAS; FONTANILLE, 2014, p. 32).

O belo gesto participa então, segundo Fontanille (2015a), de um gênero de práticas que se caracterizam como “breves” e que são destinadas a refundar criticamente o sentido da vida. Nesse sentido, o autor argumenta que se as práticas podem ser consideradas como enunciações pelos objetos que elas manipulam, uma vez que manifestam a significação desses objetos, “o *belo gesto* seria então o equivalente de uma enunciação individual que procederia, para começar, pela denúncia da prática canônica ou estereotipada associada a um objeto ou a uma situação de interação, e pelo questionamento da enunciação coletiva que essa prática implica” (FONTANILLE, 2015a, p. 76, tradução nossa<sup>5</sup>).

Verifica-se então que a ruptura inscreve o indivíduo “na perspectiva de uma nova ‘ideologia’, de uma ‘concepção da vida’, de uma ‘forma’ que é ao mesmo tempo uma filosofia da vida, uma atitude do sujeito e um comportamento esquematizável” (GREIMAS; FONTANILLE, 2014, p. 30). O belo gesto é, segundo Fontanille (2015a), a manifestação de uma deiscência entre uma forma de vida dessemantizada e uma forma de vida contraditória e emergente, ainda não realizada.

Distinguindo o belo gesto das formas de vida, o pesquisador explica que aquele abre a possibilidade de manifestação de uma nova forma de vida que, então, enfrentará vários tipos de resistência durante e mesmo depois do seu processo de fixação. Sendo assim, é o princípio da perseverança que, segundo Fontanille (2014, 2015a, 2015b), acompanha o processo de fixação de uma forma de vida: o “actante do viver” encontra inúmeros obstáculos, bifurcações e tantas outras ameaças à manutenção do seu “curso de vida”. Ele pode, dependendo do seu engajamento, recusar ou aceitar as novas possibilidades que se impõem a ele, acabando por reafirmar ou comprometer a permanência da forma de vida em curso. Declara o autor:

---

5 No original: “Le beau geste serait alors l'équivalent d'une énonciation individuelle qui procéderait pour commencer par la dénonciation de la pratique canonique ou stéréotypée associée à un objet ou une situation d'interaction, et la remise en question de l'énonciation collective qu'implique cette pratique”.



Nós compreendemos então que, com o espetáculo do belo gesto, nós assistimos à interferência pontual entre duas formas de vida, uma manifesta e dominante, e outra latente e marginal. Compreendemos finalmente que, com o belo gesto, a forma de vida latente soube impor-se, soube impor seu curso ao outro curso de vida que se dava por dominante. Não lhe resta outra coisa senão perseverar por seu turno. Perseverança e contra-perseverança: tal é, de fato, a mola propulsora da manifestação das formas de vida. (FONTANILLE, 2015a, p. 80, tradução nossa<sup>6</sup>).

Sendo assim, uma forma de vida é sempre apreendida na confrontação e comparação com outras formas de vida. Cada uma delas se destaca sobre o fundo de todas as outras, que são repelidas para segundo plano, ali ficando disponíveis até serem impostas de novo. Ademais, as formas de vida não estão atadas a nenhum grupo social nem a nenhum indivíduo em particular, salvo em caso de um congelamento temporário, que pode ocorrer em algum momento da evolução de toda e qualquer forma de vida, fazendo-a corresponder ao “estilo de vida” de um grupo social específico. Em outros termos, as formas de vida são necessariamente associadas aos atores, individuais e coletivos, mas esses atores não são inteiramente predeterminados por essa associação, só podendo ser provisoriamente definidos pela forma de vida que assumem, visto que, para estabilizar esses pertencimentos e esses reconhecimentos temporários, são necessárias outras operações, como aquelas da repetição, do congelamento, da estereotipia ou da estabilização das identidades.

Buscando dar uma resposta à questão da constituição das identidades nos discursos, as formas de vida surgem, assim, na estreita dependência do sujeito que controla a semiose, isto é, do sujeito da enunciação. Nesse contexto, o estudo das formas de vida origina-se da intersecção de dois tipos de preocupações: uma de ordem estética, que aponta para as atuais pesquisas sobre a percepção, outra relativa à práxis enunciativa, que aponta para as atuais pesquisas em torno do uso e das estereotipias discursivas. É essa segunda problemática que atrai nossa atenção, visto que as formas de vida “são construídas e desconstruídas pelo uso e são inventadas, praticadas ou denunciadas por ‘instâncias enunciativas’, coletivas ou individuais” (FONTANILLE, 1993, p. 6, tradução nossa<sup>7</sup>).

Concebida como o nível por excelência dos valores (BERTRAND, 2016), a práxis enunciativa garante a colocação em cena das potencialidades atualizáveis nos discursos,

---

6 No original: “Nous comprenons alors qu’avec le spectacle du beau geste, nous avons assisté à l’interférence ponctuelle entre deux formes de vie, une manifeste et dominante, et une autre latente et marginale. Nous comprenons enfin qu’avec le beau geste, la forme de vie latente a su s’imposer, imposer son cours à l’autre cours de vie qui se donnait pour dominant. Il ne lui reste plus qu’à persévérer à son tour. Persévérance et contre-persévérance: tel est bien le ressort de la manifestation des formes de vie”.

7 No original: “Elles se font et se défont par l’usage, elles sont inventées, pratiquées ou dénoncées par des ‘instances énonçantes’, collectives ou individuelles”.

sob uma forma canônica ou inovadora. Ela compreende os processos de transformação e de sedimentação das formas semióticas, que são fixadas pelo uso das comunidades socioculturais, em seguida depositadas no sistema, e então colocadas à disposição para que as novas enunciações as convoquem no momento da produção dos discursos, seja para reafirmá-las ou revogá-las, e assim construir novos paradigmas.

Quanto aos valores construídos no discurso, considera-se a existência de dois grandes regimes de circulação, conforme Fontanille e Zilberberg (2001): o regime da exclusão, que nada mais é que o regime dos valores de absoluto, constituídos a partir da moral social vigente; e o regime da participação, que nada mais é que o regime dos valores de universo, constituídos a partir da potencialização daqueles primeiros valores e da consequente abertura à manifestação de valores outros, capazes de fornecer novos modos de ser/estar no mundo e de fundar novas formas de vida. O primeiro regime tem por operador a triagem, responsável pela concentração dos valores (valores de absoluto); o segundo tem por operador a mistura, responsável pela expansão dos valores (valores de universo).

Há, assim, dois tipos fundamentais de cultura: as da exclusão e as da participação, isto é, as da triagem e as da mistura. Retomando reflexão feita por Fontanille e Zilberberg (2001), Fiorin (2007) explica que as culturas da triagem têm um aspecto descontínuo e tendem a restringir a circulação cultural; as culturas da mistura, em contrapartida, apresentam um aspecto contínuo, favorecendo o “comércio” cultural. Aquelas se constituem como culturas do interdito; estas, como culturas do permitido. Pontua Fiorin (2007, p. 202) que, no entanto, há um movimento pendular que, na diacronia, leva do princípio de mistura ao de triagem e assim sucessivamente: “as culturas de mistura não são fronteiras, pois elas têm também suas fronteiras, uma vez que determinam as misturas desejáveis e as indesejáveis”.

Nessa perspectiva, Fiorin (2009, p. 124) afirma, em relação à constituição da identidade nacional brasileira:

A cultura brasileira euforizou de tal modo a mistura que passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual etc. A identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas etc. Enfim, esconde-se o que opera sob o princípio da triagem.

Com base nessas reflexões teórico-metodológicas, apresentaremos, na sequência, alguns dos resultados da nossa pesquisa de doutorado (OLIVEIRA, 2018), cujo cópús é composto por textos da cultura de massa brasileira nos quais emerge a figura actorial homem “do lar”.

## 4 O ator “homem do lar” e a forma de vida “doméstica”

Cabe registrar, de início, que apesar da sua parca figurativização na mídia brasileira, o “homem do lar” já é bastante figurativizado em outros espaços do globo, como nos Estados Unidos, onde chama nossa atenção a profusão de livros publicados em torno do assunto, muitos deles escritos por homens que viveram/vivem a experiência de ser um *househusband* ou *stay-at-home dad*. Além dos livros, também chamam nossa atenção organizações como a *The National At-Home Dad Network*, fundada para fornecer “apoio, educação e defesa aos pais que são os cuidadores primários dos seus filhos”<sup>8</sup>. Destacamos, ainda, a quantidade de textos midiáticos, pesquisas acadêmicas e governamentais que têm como foco o surgimento da figura homem “do lar”. Tudo isso mostra que, não somente nos Estados Unidos, onde os homens “do lar” já somam quase meio milhão<sup>9</sup>, mas em vários outros países ocidentais, como na Itália, na Espanha e na França – onde emergem as figuras do *uomo casalingo* (ou *papà casalingo*), *amo de casa* (ou *papá amo de casa*) e *homme au foyer* (ou *père au foyer*), nessa ordem –, a transformação sociocultural já está em pleno curso, fornecendo muita matéria para debate e reflexão.

Buscando investigar a construção da figura actorial homem “do lar” no contexto brasileiro, selecionamos a publicidade audiovisual “Inversão de papéis”, que anuncia a linha Fiat Idea 2011; o livro de crônicas *Borracheiro: minha viagem pela casa*, de Fabrício Carpinejar (2011); o livro autobiográfico *Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa*. E acabou gostando, de Cláudio Henrique dos Santos (2013); e entrevistas veiculadas em três programas televisivos, respectivamente em 2014, 2015 e 2017: “Papo de mãe” (TV Brasil), “Casos de família” (SBT) e “Encontro com Fátima Bernardes” (Rede Globo). A justificativa para a diversidade de objetos e linguagens é o próprio ineditismo da temática, relativamente bem explorada ao redor do globo, mas parcamente abordada no cenário brasileiro. Além disso, a heterogeneidade se justifica uma vez que o trabalho

---

8 O enunciado “providing support, education and advocacy for fathers who are the primary caregivers of their children” encabeça a página de abertura do sítio eletrônico da associação citada, a *The National At-Home Dad Network (TNAHDN)*. Disponível em: <http://athomedad.org/>. Acesso em: 31 jan. 2018.

9 Os números variam conforme os critérios adotados. A *Pew Research* chegou a registrar, em 2014, dois milhões de norte-americanos nessa função. O número foi alcançado possivelmente porque o órgão responsável pela pesquisa definiu os *stay-at-home dads* como “homens com idade entre 18-69 anos que estão vivendo com seus filhos na condição de desempregados e sem qualquer tipo de remuneração há pelo menos um ano”. A definição adotada pela *TNAHDN*, em contrapartida, define o *stay-at-home dad* como “qualquer pai que é o cuidador primário e regular dos seus filhos enquanto a companheira trabalha fora de casa”. Acredita-se, pois, que a função é definida pelo papel de cuidador, e não pelo desemprego ou ausência de renda do “pai”. Além disso, estudos apontam que a maioria dos norte-americanos que desempenha tal função o faz por escolha e não por perda do trabalho e/ou dificuldade de encontrar emprego. Disponível em: <http://athomedad.org/>. Acesso em: 31 jan. 2018.

aborda, em esfera mais ampla, a chamada “cultura de massa”, fruto da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades e os interesses culturais dos consumidores (MORIN, 1997). Isto posto, parece-nos que um dos papéis do semiótico é mostrar como a cultura de massa “reflete” a sociedade, ou como, “especularmente, a comunidade social se oferece como espetáculo a si mesma e, ao fazer isso, dota-se das regras necessárias a seu próprio jogo” (LANDOWSKI, 1992, p. 14).

Considerando a totalidade do cópula, chamaram nossa atenção, desde o início, as escolhas lexicográficas feitas pelos enunciadores. Muitas vezes, a figura actorial enfocada sequer é nomeada, como em várias das falas da apresentadora Fátima Bernardes: “a gente esse ano botou esse quadro [...] porque a gente felizmente tem percebido muitos homens que estão muito mais participativos...”. Outras vezes, ela é indistintamente nomeada como /homem do lar/, /dono de casa/ ou /pai dono de casa/. Uma ocorrência em específico, no entanto, chamou sobremaneira nossa atenção: o emprego da expressão “dona de casa” (feminino) no subtítulo da obra *Macho do século XXI*: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando, de Santos (2013).

A esse respeito, observamos que, enquanto os principais dicionários de inglês registram tanto *housewife*, quanto *househusband*<sup>10</sup>, a expressão lexicográfica “dona de casa” não tem equivalente masculino nos dicionários de Língua Portuguesa. Vejamos, abaixo, os verbetes “dona” e “dono”, recortados do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001):

---

<sup>10</sup> Definido, no *Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus*, como “a man who stays at home and cleans the house, takes care of the children, etc. while his partner goes out to work” (em tradução literal, “um homem que fica em casa e limpa a casa, cuida das crianças, etc. enquanto sua companheira sai para trabalhar”). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/house-husband>. Acesso em: 19 fev. 2023.

## Imagem 1 – Verbetes “dona” e “dono” do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

**dona** *s.f.* (960 cf. JM) 1 título concedido às senhoras de famílias nobres (abrev.: *d.* ou *D.*) [Us. como tratamento honorífico, de que era precedido o nome próprio de mulheres pertencentes às famílias reais de Portugal e do Brasil, estendeu-se a todas as mulheres caracterizadas por algum título de superioridade, respeito etc., como as casadas, viúvas, religiosas, idosas; em Portugal, para as de nível mais elevado pode-se dizer senhora dona.] ⇒ cf. 'dom 2 p.ext. B mulher que se casou ou vive maritalmente, independentemente do nível econômico-social; esposa [No Brasil, estende-se o conceito a jovens mulheres casadas, mas não a crianças e adolescentes.] 3 mulher iniciada no sexo ≠ p.opos. à *donzela* ('mulher virgem) 4 (sXIII) proprietária (de algo de cunho concreto ou abstrato); senhora (d. de uma livraria) (a musa do poeta, inspiradora e d. de seu destino) 5 B *infrm.* pej. qualquer mulher de quem se fala (não quero conversa com essa d.) 6 CAB mãe da mãe (avó materna) ou mãe do pai (avó paterna) • D. das Folhas REL B no candomblé de caboclo, epíteto de Oçõe; Dona do Mato, Dona Maria • d. de casa mulher que administra a casa, cuidando cotidianamente dos afazeres domésticos • D. do Mato REL B m.q. DONA DAS FOLHAS • d. encrenca B *infrm.* 1 esposa ou amante ger. severa que briga com o parceiro por qualquer motivo 2 mulher que briga e/ou discute por qualquer coisa • D. Janaina REL B nos candomblés de caboclo, epíteto de Iemanjá • D. Maria REL B m.q. DONA DAS FOLHAS • GRAM fem. de *dom* e de *dono* • ETIM lat. *domina*, 'proprietária, mulher, senhora, esposa', fem. do lat. *dominus*, 'proprietário, possuidor, senhor de', cog. de *domus*, 'ou us' casa, habitação, família, pátria', tb. us. como forma de tratamento: ver *domin*; f.hist. 960 *domna*, 1277 *donna*, sXIII *dona* 'título honorífico', sXIII *dona*, sXIV *donna* 'senhora, dama, proprietária'; ver *dom* • COL da loc. *dona de casa*: madamismo

**dono** *s.M.* (1047 cf. JM) 1 proprietário (de algo); possuidor, possuinte (d. de um terreno, de uma loja) 2 aquele que tem completo poder ou controle (sobre algo ou sobre suas emoções, reações etc.); senhor (ele tornou-se d. da situação) 3 indivíduo que exerce a liderança, ger. responsável pelas despesas (em uma família) (d. da casa) 4 P o homem com quem uma mulher está casada; marido 5 CAB o pai do pai (avó paterno) ou da mãe (avó materno) de um indivíduo • d. da bola 1 DESP jogador que, no futebol, basquetebol etc., se apossa da bola e frustra qualquer possibilidade de jogo dos demais 2 DESP jogador ger. jovem ou menino que, por ser proprietário da bola, exige boa posição no time 3 fig. qualquer pessoa que centralize demais tarefas, trabalhos etc., desprezando o trabalho, a participação, a sugestão de outrem • d. da cabeça REL B nas seitas afro-brasileiras, orixá ou outra entidade que supostamente acompanha cada indivíduo e cuja identidade se determina por meio de adivinhação (p.ex., pelo jogo de búzios) • D. das Folhas REL B epíteto atribuído a Oxoce • d. da verdade pessoa que quer sempre ter razão, não admitindo o questionamento de seus pontos de vista, afirmações, julgamentos etc. • d. do jogo DESP jogador que, pela técnica ou liderança, se destaca numa partida • D. do Mato REL B epíteto atribuído a Oxoce • d. do time DESP jogador que centraliza ou orienta as ações do seu time • ser d. do seu nariz *infrm.* ser senhor de si; responsabilizar-se por suas próprias ações, opiniões etc. • ETIM lat. *dominus*, 'proprietário, possuidor, senhor de', der. de *domus*, 'ou us' casa, habitação, família, pátria'; var. divg. *dom*, de mesma orig., us. como forma de tratamento e distinção; ver *dom*; f.hist. 1047 *donu*, 1269 *dona*, sXIV *donno*

Fonte: Houaiss e Villar (2001, p. 1076)

Do verbete “dona”, destacamos as acepções dois e seis: “2. p.ext. mulher que se casou ou vive maritalmente, independentemente do nível econômico-social; esposa”; “6. d. de casa mulher que administra a casa, cuidando cotidianamente dos afazeres domésticos”. Já do verbete “dono”, destacamos as acepções três e quatro: “3. indivíduo que exerce a liderança, ger. responsável pelas despesas (em uma família) <d. da casa>”; “4. o homem com quem uma mulher está casada; marido”. É interessante observar, nas acepções destacadas, primeiramente, como os papéis temáticos em questão são definidos em conformidade com o gênero (homem ou mulher); em segundo lugar, como as práticas que configuram esses papéis são descritas em referência ao imaginário cultural.

Assim fazendo, verifica-se que “dona” é o lexema que designa uma mulher casada. Observa-se a ausência de qualquer menção ao cônjuge. Em contrapartida, “dono” designa, curiosamente, “o homem com quem uma mulher está casada”, e não simplesmente um homem casado. Há, na própria acepção, embora de maneira implícita, a conformação de uma relação de subordinação da mulher ao homem (marido), pois o homem se torna “dono”, nesse caso, na relação hierárquica estabelecida com a mulher (esposa). Passando às acepções que envolvem o lexema “casa”, verifica-se que as práticas atribuídas à mulher são as domésticas/privadas, enquanto as atribuídas ao homem são as profissionais/públicas. Além disso, constrói-se a ideia de que é exclusividade do homem a detenção do poder aquisitivo necessário à aquisição de imóveis e outros bens, uma vez que os verbetes registram que a mulher é apenas “dona **de** casa”, enquanto o homem é o “dono **da** casa”. Tal constatação suscita, desde já, importantes reflexões em torno da naturalização de práticas e papéis de gênero na sociedade brasileira.

Voltando ao *cópus* da pesquisa, esclarecemos que os objetos selecionados foram organizados em dois grupos: no primeiro, inserem-se a publicidade “Inversão de papéis”; o livro de crônicas *Borracheiro: minha viagem pela casa*; e o livro de caráter autobiográfico *Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa*. E acabou gostando. No segundo grupo, os trechos das entrevistas realizadas com “homens do lar” e veiculadas nos programas “Papo de mãe” (TV Brasil), “Casos de família” (SBT) e “Encontro com Fátima Bernardes” (Rede Globo).

Em relação ao primeiro grupo, destacamos que os papéis temáticos que definem o ator homem “do lar” são construídos por meio da enunciação de práticas semióticas sedimentadas no nosso imaginário cultural como práticas “femininas”, as quais envolvem os cuidados diários com a casa, com os filhos e com o parceiro/cônjuge. Destacamos, em seguida, que o desempenho dessas práticas pelo ator construído ao longo dos três textos nem sempre é revelado como algo feito de modo “gratuito”. Quando é – ou, ao menos, aparenta ser – algo “gratuito”, o enunciatário-leitor tem diante de si ou uma “inversão” caricata de papéis/práticas/formas de vida (entre os sujeitos “homem” e “mulher”) ou uma assunção de novos valores que ocorre de um modo ainda bastante tímido.

É o que se verifica, por exemplo, em *Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa*. E acabou gostando, obra que narra as aventuras de um ex-executivo da Renault que assume o papel de *daddy in home* (“papai em casa”), após convite recebido pela esposa para trabalhar em Cingapura. Apesar de as práticas domésticas configuradas na narrativa não apresentarem uma visada essencialmente “estratégica” – como depreendido, por exemplo, em crônicas de *Borracheiro* –, o seu desempenho pelo ator Cláudio não se dá “de bom grado”, ao menos não num primeiro momento: ele é levado a desempenhá-las gradativamente, conforme as circunstâncias vão se impondo. De início, reforça-se o estereótipo do homem avesso aos serviços domésticos e às demais funções “do lar”, como se observa no seguinte trecho, no qual o ator descreve uma ocasião em que precisou preparar um prato da culinária brasileira para a filha levar à escola: “Além disso, eu ainda podia contar com o apoio da nossa assistente em Cingapura, que ajudaria a enrolar os docinhos e colocar nas forminhas (fazer isso também já seria demais, não?)” (SANTOS, 2013, p. 18) e também no seguinte trecho, em que descreve seus afazeres: “Tecnicamente, eu não era uma dona de casa, o que era melhor ainda [...]. No máximo, eu me ocupava do supermercado e dos afazeres externos, já que a Archie mantinha uma arrumação de hotel em casa” (SANTOS, 2013, p. 69).

Evidencia-se, assim, que a alteração na rotina doméstica do ator acontece por imposições externas, como destacado no seguinte trecho, que trata da mudança da família Santos para os Estados Unidos: “A pior notícia ela [esposa] me deixou para contar [...] na véspera da viagem. Uma empregada doméstica custa cerca de 20 dólares por hora. Não seria como em Cingapura. Eu teria que colocar a mão na massa pra valer [...]” (SANTOS, 2013, p. 121). Ademais, acontece de forma gradual, configurando-se como um percurso de aprendizagem para o ator homem “do lar” (em construção): “[...] morando

nos Estados Unidos, sou eu quem ‘pilota’ o fogão de casa. E apesar do meu cardápio ser bastante limitado, sou o pai mais orgulhoso do mundo toda vez que a Luiza me chama de *best cooker ever* (melhor cozinheiro de todos os tempos)” (SANTOS, 2013, p. 20).

Em relação aos papéis e às práticas desempenhadas pelo ator homem “do lar”, verifica-se a construção de um novo universo discursivo em torno da “paternidade”: o papel temático que identifica e individualiza o ator, atribuindo-lhe uma “identidade”, é o papel temático “pai”. Trata-se, todavia, de um pai que se dedica aos filhos em tempo integral, ocupando-se da alimentação, da higiene e dos demais cuidados que concernem à rotina dos pequenos, incluindo as atividades recreativas, lúdicas e pedagógicas. Nessa perspectiva, é o papel “papai em casa” (*stay-at-home dad* ou *daddy in home*) ou “papai dono de casa” que melhor sintetiza o conjunto dos papéis assumidos pelo ator, como se evidencia no trecho a seguir, retirado da obra: “A nossa família estava muito mais próxima hoje (e eu por consequência, muito mais próximo dela) e eu tinha o melhor emprego do mundo, que era o de pai da Luiza” (SANTOS, 2013, p. 85).

Passemos aos demais objetos que compõem nosso *córpus* de pesquisa, a saber, algumas edições de três programas televisivos: a edição de 27 de janeiro de 2015 do programa “Casos de família” (SBT); as edições de 10 de março, 29 de março e 29 de maio de 2017 do quadro “Homens do lar”, exibido no programa “Encontro com Fátima Bernardes” (Rede Globo); e a edição de 06 de julho de 2014 do programa “Papó de mãe” (TV Brasil). Nesse conjunto, destacamos que, além dos papéis temáticos já identificados na definição do ator homem “do lar” (“pai”, “marido”, “dono de casa”), outros papéis são discursivizados, papéis esses ligados à esfera pública/profissional. Nesse contexto, verifica-se que o desempenho das práticas domésticas familiares pelo ator homem “do lar” construído nos textos televisivos é muitas vezes enunciado como algo nem sempre “possível” ou “pensável” no médio/longo prazo.

Na edição de “Casos de família” selecionada para análise – “Sou dono de casa e ainda apanho” (edição de 27 de janeiro de 2015) –, verifica-se um discurso marcadamente calcado numa cultura de triagem, na qual a figura homem “do lar” não apenas inexistente como também não pode vir a ser pensada. Imperam valores de absoluto, isto é, valores excludentes: o homem que se diz “do lar” ou é um “malandro”, sujeito nada preocupado com as relações familiares; ou um “pobre coitado”, sujeito excessivamente doméstico/domesticado, figura derrisória e, ao mesmo tempo, alvo da piedade alheia, ambos os sujeitos configurados ao molde de programas populares, que mantêm sua audiência com base na política do “pão e circo”. No excerto abaixo, a fala-enunciado do ator Christina Rocha (apresentadora) confirma os apontamentos feitos:

CR: o:lha... estava pensando aqui né... vivendo e aprendendo... sou dono de casa e ainda apanho... nesse segundo caso aqui ele tá fazendo o papel que muitas mulheres falam aqui... eu fico porque eu não tenho pra onde ir... no caso ele não trabalha... ele deve ter alguma dificuldade em trabalhar... e fala... né... então na verdade ele tá fazendo o papel da mulher e ela tá fazendo o papel do homem agressor...

Não é possível, portanto, promover qualquer tipo de discussão, nesse caso, em torno do tema “reconfiguração de papéis”, simplesmente porque parece haver outras circunstâncias sociais envolvidas, tais como, a privação econômica e a vulnerabilidade social. O homem “do lar” é, no contexto de “Casos de família”, uma identidade “impensável”.

Nas edições de “Encontro com Fátima Bernardes”, tudo se passa de uma maneira *aparentemente* menos “restritiva”. Isso porque os sujeitos entrevistados são realmente homens “do lar”, sujeitos que descrevem suas rotinas domésticas e familiares, confessam sua satisfação no desempenho do novo papel e até mesmo denunciam o preconceito sofrido na sociedade, como é possível confirmar no trecho reproduzido a seguir, falado pelo ator Paulo, um dos entrevistados no quadro “Homens do lar”:

P: eu compreendo da pessoa mais velha se incomodar... porque vem de uma outra geração... ela tem uma outra formação... uma outra cultura... apesar de a gente estar no mesmo país... mas me assusta muito mais pessoas mais NOvas do que eu... às vezes no máximo até com vinte e cinco anos de idade... quando a gente FAla... a pessoa fica... não... perafá... como assim? eu s... eu... a última coisa que me faltou eu e minha esposa ouvirmos é cara... você vai ficar sustentando esse vagabundo aí? sabe... porque a cara das pessoas fecha na hora... é assustador assim... gente... perafá... assim... se a mãe não pode ficar com as crianças por motivos profissionais [...] a melhor pessoa pra ficar é o pai...

Todavia, quando se focalizam as falas do ator-narrador (Fátima Bernardes), o regime de valores dominante ainda é o dos valores de absoluto, mobilizados por meio da operação de “triagem”, bastante evidente quando se verifica que a figura actorial homem “do lar” surge, nessas falas, como fruto de uma situação circunstancial – a crise econômica que traz o desemprego – ou apenas como uma tendência mais participativa dos homens –, sendo o papel temático “dono de casa” (e a forma de vida a ele atrelada) proposto(s) como algo *essencialmente* provisório. É o que se confirma em: “FB: a gente tem trazido aqui [...] vários homens que acabam indo pra esse caminho éh:: da vida mais ligada aos filhos e à vida doméstica por conta exatamente do desemprego... são doze milhões... então não é pouca gente que está desempregada né... é MUlta gente...” e em “FB: a gente esse ano botou esse quadro homens do lar porque a gente felizmente tem percebido muitos homens que estão muito mais participativos...”.

O que fica evidente para o enunciatário-telespectador do programa “Encontro com Fátima Bernardes” é, finalmente, o caráter intersticial da nova identidade masculina: um caráter de “intervalo”, “entremeio”, o qual remete a figura homem “do lar” ora a uma situação entre-dois-empregos, ora a uma “tendência comportamental” que, como todos os outros tipos de tendências, pode logo também vir a ser refreada.

Passando à edição do programa “Papo de mãe” selecionada, verifica-se que o regime de valores dominante é, contrariamente, o dos valores de universo, mobilizados por meio da operação da “mistura”, incontestemente quando se verifica que a figura homem “do



lar” surge nas falas-enunciados do ator-narrador como uma figura que pode existir na duratividade, como fruto de uma deliberação, de uma “vontade ativa” do sujeito, e não exclusivamente da necessidade gerada pela “crise econômica” e sua consequência mais direta, o desemprego, ou de uma suposta “tendência” mais participativa dos homens. À “fatalidade” e à “provisoriamente” sucedem, na análise da edição do programa em questão, o sucesso e a “continuidade” de uma escolha efetiva, marcada, por exemplo, no emprego do lexema “conseguir”, utilizado no seguinte enunciado dirigido ao ator Sérgio: “anham... quer dizer que você conseguiu uma alternativa aí pra estar mais perto dos filhos e poder acompanhar o crescimento deles...”, ou ainda mais explicitamente, no emprego do lexema “decisão”, utilizado em dois enunciados, um dirigido ao ator Hilquias: “e... e... você como é que é... conta pra gente como é que foi essa decisão de se tornar um dono de casa...”, outro dirigido ao ator Marco Antônio: “como é essa decisão... de ficar mais próximo dos filhos e de acompanhar esse crescimento...”.

Se algumas “misturas” são *admitidas* no programa “Encontro”, é evidente que elas não são plenas. Em outros termos, o homem “do lar” é pensado como um sujeito que emerge de uma “falta”, de uma “crise”, de uma “necessidade” e/ou de uma “tendência”, e não como um sujeito que emerge da “plenitude”, da “deliberação”, da “escolha por direito”. Isso não quer dizer que, no caso do programa “Papó de mãe”, o homem “do lar” seja uma figura estabilizada, cuja forma de vida já foi aceita e incorporada ao sistema sociocultural. Quer dizer que se as mídias, enquanto “operadores de mediação”, desempenham um papel decisivo nas zonas periféricas da cultura, um papel de passagem, de transferência, de tradução e de transformação de formas semióticas (FONTANILLE, 2013), elas não o desempenham de forma homogênea, o grau maior ou menor de desestabilização sendo apontado caso a caso.

Conclusivamente, é importante destacar que, apesar das variações depreendidas em relação à configuração da figura actorial homem “do lar”, o papel temático “pai” é, nessa configuração, uma constante. Depreendemos que é esse papel que permite, ao menos na cultura brasileira, a própria concepção de um homem “do lar”, visto que é ele que condensa o semantismo de “família” necessário para a “reconfiguração de papéis” em pauta. Levando em conta as diversas configurações familiares existentes, todavia, acreditamos que seria válido verificar, talvez numa pesquisa futura, a ocorrência de outras figurativizações para o ator homem “do lar”, para além da exacerbação do papel temático “pai”, evidenciada nas análises empreendidas.

## **| Considerações finais**

Iniciamos a reflexão aqui proposta explorando a problemática da construção das identidades nos discursos; na sequência, fizemos uma revisão teórica de conceitos importantes para a semiótica discursiva, indo do ator à forma de vida. Finalmente, aplicamos o aparato teórico apresentado a fim de compreender como se dá a construção da figura actorial homem “do lar” nos textos/discursos selecionados. Desse modo, vimos que o ator homem “do lar” desempenha os papéis temáticos de “pai”, “marido”

e “dono de casa”. A respeito das práticas que configuram esses papéis, vimos que nem sempre o ator desempenha de modo “gratuito” ou de “bom grado” as práticas ligadas à manutenção da organização doméstica (limpar a casa, lavar e passar roupas, cozinhar, etc.). O foco do ator é, desse modo, o desempenho das práticas familiares ligadas ao cuidado dos filhos. O homem “do lar” é sobretudo “pai”, um pai que se dedica em tempo integral aos filhos, enquanto sua companheira trabalha no mercado formal.

Atrelada a esse ator, há uma forma de vida “doméstica” que também precisa ser problematizada, haja vista que ainda está fortemente vinculada ao ator feminino e às práticas relacionadas ao cuidado materno. Em outros termos, ser “dona de casa” é ser “dona de casa e mãe”, um papel implicando o outro, ao menos em termos de referência ao imaginário cultural. Ser “dono de casa” equivaleria, nessa “inversão”, portanto, a ser “dono de casa e pai”? Curiosamente, não. Conforme vimos, o papel temático exacerbado é o papel “pai”, as demais funções do lar ficando quase sempre relegadas a segundo plano.

Outra questão que precisa ser discutida, na esteira das discussões apontadas acima, diz respeito às diversas configurações familiares existentes na contemporaneidade. Seria, pois, importante problematizar a ocorrência/não ocorrência de outras figurativizações para o ator homem “do lar”, para além da exacerbação do papel temático “pai” em famílias biparentais formadas por casais heterossexuais com filhos. Seria o caso de verificar essas figurativizações no âmbito de famílias biparentais formadas por casais heterossexuais sem filhos; no âmbito de famílias biparentais formadas por casais homossexuais com ou sem filhos; e, ainda, no âmbito de famílias monoparentais (“pais/mães solo”).

Nesse contexto, é importante lembrar que o papel é uma entidade figurativa anônima (GREIMAS, 1975) e que, do mesmo modo, as formas de vida devem, por princípio, permanecer disponíveis para todas as ancoragens eventuais, visto que não pertencem a ninguém em particular e são, ademais, vistas como “linguagens” que todos os membros de uma sociedade podem utilizar (FONTANILLE, 2015a, 2015b). É preciso, pois, desatrelar os papéis e as formas de vida dos atores que os assumem na duração temporal: processo que é ainda muito difícil de ser concebido, sobretudo no âmbito das enunciações dirigidas às massas.

## Referências

BASSO-FOSSALI, P. Possibilitation, disproportion, interpénétration: trois perspectives pour enquêter sur la productivité de la notion de forme de vie en sémiotique. *Actes Sémiotiques* [En ligne], n. 115, 2012. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2673>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BERTRAND, D. Énonciation: cheville ouvrière ou point aveugle d’une théorie du sens? In: COLAS-BLAISE, M. et al. (dir.). *L’énonciation aujourd’hui: Un concept clé des sciences du langage*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016. p. 421-432.

CARPINEJAR, F. *Borracheiro: minha viagem pela casa: crônica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

FIORIN, J. L. A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator. In: SEMINÁRIO DO GEL, 18, 1989, Lorena. *Anais...* Lorena: GEL, 1989, p. 348-354. Disponível em: [http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1309092817\\_43.fiorin\\_jose.pdf](http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1309092817_43.fiorin_jose.pdf). Acesso em: 04 jun. 2018.

FIORIN, J. L. Relações entre sistemas no interior da semiosfera. In: MACHADO, I. (org.). *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007. p. 175-204.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/3002/1933>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FLOCH, J.-M. *Identités visuelles*. 2. ed. Paris: PUF, 2010.

FONTANILLE, J. Présentation. Recherches Sémiotiques. Semiotic Inquiry. *RSSI*, Montreal, n. 13, p. 5-12, 1993.

FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANILLE, J. Médias, regimes de croyance et formes de vie. In: OLIVEIRA, A. C. (org.). *As interações sensíveis: ensaios de sociossemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013. p. 131-148.

FONTANILLE, J. Quando a vinha ganha forma. Tradução de Jean Cristtus Portela. In: NASCIMENTO, E. M. F. S.; ABRIATA, V. L. R. (org.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Editora Coruja, 2014. p. 55-86.

FONTANILLE, J. *Formes de vie*. Liège: PUL, 2015a. (Collection Sigilla, n. 3)

FONTANILLE, J. La sémiotique face aux grands défis sociétaux du XXI siècle. *Actes Sémiotiques* [En ligne], n. 18, 2015b. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5320>. Acesso em: 12 jan. 2016.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin: EdUSP, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Tome II. Paris: HACHETTE, 1986.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. O belo gesto. Tradução de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento. In: NASCIMENTO, E.; ABRIATA, V. L. R. (org.). *Formas de vida: rotina e acontecimento*. Ribeirão Preto: Coruja, 2014. p. 13-33.

HOMENS DO LAR: Jefferson lava, passa e cozinha todos os dias. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de março, 2017. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5714055/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HOMENS DO LAR: Paulo cuida das crianças enquanto a mulher trabalha fora. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de março, 2017. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5761170/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HOMENS DO LAR: Cássio passa boa parte do tempo cuidando do filho Thomaz. *Encontro com Fátima Bernardes*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 29 de maio, 2017. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5901714/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INVERSÃO DE PAPÉIS. Novo Fiat Idea 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GAGdpg69hYQ>. Acesso em: 28 jun. 2016.

LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica I*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MARIANA KOTSCHO E ROBERTA MANREZA CONVERSAM COM HOMENS "DONOS DE CASA". *Papo de mãe*. São Paulo: TV Brasil, 06 de julho, 2014. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VeCHjXMoot0>. Acesso em: 03 jan. 2018.

MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Volume 1: neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

OLIVEIRA, R. M. de. *Homens “no lar” ou homens “do lar”?* Forma de vida do ator homem “dono de casa” na cultura brasileira. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180372>. Acesso em: 08 abr. 2023.

SANTOS, C. H. *Macho do século XXI: o executivo que virou dona de casa. E acabou gostando*. São Paulo: Editora Claridade, 2013.

SOU DONO DE CASA E AINDA APANHO! *Casos de família*. São Paulo: SBT, 27 de janeiro, 2015. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yicgFBNDOnI>. Acesso em: 25 set. 2018.

### **Como citar este trabalho:**

OLIVEIRA, Raíssa Medici de. A construção das identidades actoriais nos discursos: uma abordagem semiótica. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 60-80, jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em “dia/mês/ano”. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i1.17750>.